
Stephen R. Perls, D.Ed. de Albuquerque, Novo México, faleceu em 10 de março de 2023.

Ele foi precedido na morte por sua esposa de 60 anos, Rae Perls, Ph.D. Ele deixa seus filhos Bob e Nancy Lynn, noras Joan Findley-Perls e Brenda Broussard, netos Aaron, Tasha, Alex e Zoe, e bisnetos Amaya, Aleena, Tailor e Troy, bem como sua irmã Renate e sobrinhas Alison e Leslie.

Stephen nasceu em Joanesburgo, África do Sul, em 1935, filho dos terapeutas alemães Frederick (Fritz) e Lore Perls, que deixaram a Alemanha dois anos antes devido à ocupação nazista. Em 1947, eles deixaram a África do Sul quando o apartheid estava em ascensão e se mudaram para a cidade de Nova York, onde jogou futebol universitário em toda a cidade e cantou com o NYC Interracial Chorus. Stephen se formou no Antioch College em Ohio, onde conheceu Rae e se casou. Eles se mudaram para Chicago, onde ele obteve um mestrado em psicologia pela Universidade de Chicago, depois para Eugene, Oregon, onde Steve completou seu doutorado, após o qual se mudaram para o Novo México com seus dois filhos.

Stephen trabalhou e ensinou a maior parte de sua vida profissional na UNM Medical School, coordenou programas de educação médica continuada para o Departamento de Psiquiatria, desenvolveu um diploma AA para profissionais de saúde mental e treinou várias gerações de residentes psiquiátricos em técnicas de terapia de grupo. Ele era ativo nas Associações de Psicoterapia de Grupo do Novo México, do Sudoeste e da América, o que o levou a amizades duradouras.

Ele era um marido dedicado, pai e avô atencioso, empenhado em passar bons momentos com as pessoas que amava. Fora do trabalho, Stephen e Rae adoravam viajar e juntos puderam visitar 35 países. Ele treinava os times de futebol infantil e os levava aos ensaios e aulas. Ele encheu sua casa com música, arte e sorvete. Ele adorava esportes e sempre tinha ingressos para a temporada de basquete da UNM. Ele adorava teatro musical e dança; shows em Nova York, verões no Aspen Music Festival e os mesmos assentos no Popejoy Hall por décadas. Ele fez amigos para toda a vida na escola, no trabalho, no clube de futebol e em outros esportes, e foi presidente do comitê social do La Luz por anos. Mais tarde, ele foi eleito para representar os residentes de vida independente, uma vez que se mudou para Palmilla Senior Living, para onde se mudaram quando Rae estava doente. Ele era ativo em Palmilla e fez muitos novos amigos por meio de um grupo de discussão de podcast, coro, peças teatrais e grupos de leitura de poesia; incluindo a amiga Diane, com quem ia a jogos esportivos, jogava golfe no Wii, fazia quebra-cabeças e palavras cruzadas e quem o confortou em suas últimas semanas. Steve tinha o dom de ser quieto, reservado e atencioso e, ao mesmo tempo, ser uma das pessoas mais procuradas na sala. Ele foi atencioso e gentil. Ele fará falta.

Houve uma reunião memorial neste domingo, 19 de março de 2023, às 14h. em Palmilla Senior Living, 10301 Golf Course Rd. NW, Alb. NM 87114. Em vez de flores, a família solicitou doações para a Paternidade Planejada das Montanhas Rochosas, uma organização pela qual Stephen se sentiu fortemente envolvido.

FREDERICK PERLS:

REFLEXÕES DE UM FILHO

Stephen Perls

Em comemoração ao centenário do nascimento de Frederick Perls, The Gestalt Journal convidou seu filho Stephen para falar em nossa Décima Quinta Conferência Anual sobre Teoria e Prática da Gestalt-Terapia. O Dr. Perls fez esta palestra na manhã de 23 de abril de 1993, no Hotel du Parc, em Montreal.

JW (Joe Wyson)

Bom dia. Gostaria de agradecer por convidarem Rae e eu e nos dar a chance de nos encontrarmos com vocês. Eu realmente não esperava uma multidão tão grande. Estou um pouco sobrecarregado com tudo isso. O programa, como eu o examinei, certamente parece muito interessante. Tenho certeza de que teremos bastante tempo, nos próximos dias, para discutir a gestalt-terapia e discuti-la em suas muitas variedades e formas emergentes.

Seria presunçoso da minha parte ficar aqui e dar a vocês uma retrospectiva acadêmica ou uma projeção definitiva de onde o movimento irá no futuro. Há outros por aqui que são muito mais capazes e qualificados para fazer isso. O que posso compartilhar honestamente com vocês são opiniões mais pessoais de algumas das pessoas que estiveram por trás do desenvolvimento da gestalt-terapia. Presumo que vocês provavelmente estejam mais interessados em meu relacionamento com Fritz. Caso contrário, por que estar aqui?

Sim, sou filho de Fritz e Laura Perls. Eu não tenho escolha nisso. Foi assim que funcionou. Primeiro, darei a vocês um pouco do histórico e, em seguida, compartilharei algumas reações. Nasci em Johannesburgo, África do Sul, em 1935. A história de minha mãe é a objeção de Fritz em me ter. Provavelmente, é incrível que eu esteja aqui. Quando Fritz descobriu que Laura estava grávida de mim, ele disse que ela deveria fazer um aborto. Em 1935, isso não era muito comum, mas já havia uma filha, minha irmã mais velha, Renate, e acho que Fritz achou que era o suficiente, talvez até demais. Laura disse que não. Ela aparentemente havia feito um aborto, antes, na Holanda, e disse que não faria um segundo e que, se Fritz não quisesse ter esse filho, ela o faria e criaria o filho. Ele disse: "bem, se é assim que você se sente sobre isso". Em essência, "é tudo seu". E, basicamente, foi assim com o passar dos anos.

Meus primeiros anos foram de classe média alta e suburbana. Apesar de qualquer mística que possa cercar a vida de meus pais como um casal de vanguarda, a minha infância não foi particularmente única. Eu brinquei e fiz as coisas que muitas crianças fazem. Tínhamos um quintal grande. Subi em árvores. Não me lembro muito dos primeiros cinco anos. Acho que, na primeira casa que moramos, tinha uma piscina, que foi a primeira, não me lembro disso, mas já li sobre ela, foi a primeira casa do projeto Bauhaus na África do Sul. Era uma encantadora casa contemporânea. Então, eu me diverti morando lá.

O que eu me lembro? Algumas coisas. Em 1942, Fritz foi para o exército sul-africano, onde trabalhou por quatro anos e meio como psiquiatra do exército. Eu sempre o ouvi falar sobre a estranheza da guerra porque, na Primeira Guerra Mundial, ele lutou com os alemães contra os britânicos e outras forças aliadas, e depois, na Segunda Guerra Mundial, ele lutou contra os alemães. Sabe, é uma loucura. Mas ele fez o que tinha que fazer e, durante a Segunda Guerra Mundial, não foi enviado para a linha de frente. Ele era psiquiatra e, então, o enviaram para o hospital local, em Pretória, que ficava a apenas 50 quilômetros de Johannesburgo, onde ele passou seus quatro anos e meio. Lembro-me de algo sobre os botões em suas lapelas, que significavam sua promoção a capitão. Essa promoção foi uma experiência impressionante e ainda está gravada em meu cérebro.

O que mais eu me lembro sobre aqueles primeiros anos? Ocasionalmente, passeios de carro nas férias. Ele voltava do serviço para um fim de semana e passávamos por diferentes reservas naturais, parques estaduais e parques nacionais. Lembro-me de ir a Umshlanga Rocks, na África do Sul, um belo local. Lembro-me de meu pai dirigindo o carro. Lembro-me de olhar pela janela. Não tenho nenhuma lembrança de nenhuma conversa com ele. Nós não jogávamos. Não cantávamos nas viagens de carro, como Rae e eu fazíamos, com nossos filhos, quando viajavamos pelos Estados Unidos.

Realmente, não importava se ele voltasse ou não, porque ele não passava muito tempo comigo, de qualquer maneira. Lembro-me de um pequeno incidente. Ele estava trabalhando em Ego, Fome e Agressão. Foi provavelmente em 1942 ou em algum lugar por aí.

[Um bebê na plateia chora.] É assim que eu me sinto algumas vezes também. [A audiência ri].

Ele precisava de alguns bonequinhos para demonstrar um ponto sobre equilíbrio, sobre centralização, e, portanto, não conseguia descobrir como desenhar seus bonecos. Ele pegou uma pequena pá para mim, e eu me abaixei e fiquei nessa posição por cerca de 10 minutos, enquanto ele desenhava seu pequeno boneco. Então, minha reivindicação à fama quando criança era que eu estava no livro como um boneco segurando uma pá. Naquele momento, foi uma das poucas vezes que ele precisou de mim. Não foi muito uma necessidade, mas ainda era importante para mim.

Em 1946, Fritz partiu para o Canadá e, finalmente, para Nova York. Depois que ele deixou a África do Sul, passei algumas férias em um acampamento nas praias de Moçambique. Fiquei lá por cerca de quatro semanas e, seis meses depois, acampeei nas montanhas, perto da Cidade do Cabo. A África do Sul estava no sistema inglês e tínhamos longas férias de Natal, de cerca de quatro semanas e, depois, férias de verão, mais curtas, em contraste com os Estados Unidos. As férias duravam cerca de seis semanas e era delicioso ficar em tendas. Havia tendas que continham cerca de doze pessoas. Foi uma experiência desafiadora e uma experiência de crescimento. Lembro-me delas com muito carinho e carinho, embora houvesse uma variedade de insetos vagando e vagando pelos sacos de dormir.

A maior parte do que sei sobre Fritz, nos meus primeiros dez anos, li em livros escritos sobre ele. Laura, porém, ficava mais em casa. Ela trabalhava em casa. Não me lembro de nada sobre as refeições com minha irmã ou meus pais. A maioria das pessoas se lembra de ter jantado em família ou de não ter jantado juntos. Só não me lembro de muita coisa. Tenho imagens visuais muito limitadas da área de jantar. Lembro-me da aparência de meu próprio quarto e dos escritórios de meus pais, em algum momento durante aqueles primeiros dez anos.

Eu fui para a escola pública. Joguei muito futebol e críquete, como se faz na África do Sul. Eu tinha muitos amigos. Passei muito tempo com meus amigos da vizinhança. Jogamos todos os tipos de jogos, enquanto eu crescia. Brincava de guerra, brincava de mocinhos e bandidos, escalava pedras e brincava de cowboys e índios; mesmo na África do Sul, nós brincávamos de cowboys e índios. Lembro que, sábado à tarde, assim como nos Estados Unidos, era o grande momento para ir ao cinema. Vimos uma série e vimos algum tipo de faroeste. Custou a cada um de nós cerca de seis pences, o que não era muito naquela época.

Parece-me que cresci como Topsy . Laura me disse que eu estava ligada ao nosso caseiro, John. Eu andava com ele quando era pequeno. Lembro-me de carregar coisas, cavar no jardim e conversar com ele. Disseram-me que ele era quieto, sólido e muito responsável, adjetivos usados frequentemente para me descrever.

Vimos para os Estados Unidos em 1947, um ano após a chegada de Fritz. Assim que nos instalamos em Nova York, frequentei a Downtown Community School, uma pequena escola em Greenwich Village. Meus pais estavam trabalhando em casa, atendendo pacientes e conversando sobre questões de terapia. Fritz escrevia. Às vezes, ele se reunia e conversava com Paul Goodman ou Ralph Hefferline e alguns outros. Não me lembro de ter sido incluído de nenhuma maneira particular. Eles se reuniam em volta da mesa, tomavam café e conversavam. Ou subiam ao escritório e conversavam mais um pouco.

Raramente, os quatro membros de nossa família comiam juntos. Lembro-me de comer sozinho e, às vezes, com minha irmã, Renate. Em 1949, mudamos de um apartamento para uma casa maior, de arenito marrom, na rua 76, entre as avenidas Amsterdã e Columbus. Naquela época, depois de dois anos neste país, meus pais estavam indo muito bem e puderam comprar a casa e contratar alguém para cozinhar. Pelo menos comi bem. A empregada cozinhava cerca de quatro noites por semana, Laura cozinhava um pouco e eu cozinhava um pouco.

Em muitas noites, havia grupos. Quando havia grupos, eu subia para o meu quarto. Eles faziam o que queriam; então, eu realmente não sabia o que estava acontecendo, além de "Shh, fique quieto, não nos incomode". Eu não sabia o que realmente acontecia nos grupos. Eu sabia que meus pais ajudavam pessoas com problemas. Eu os ouvia falar sobre o que estavam fazendo. Eles pareciam animados e interessados nisso. Eu não tinha nenhuma base para compreender o que eles estavam realmente falando. Eles realmente não me explicaram muito ou me incluíram de alguma maneira particular. Eu estava lá. Eles pareciam apenas falar sobre o que estavam fazendo com os pacientes ou outros profissionais. Algumas pessoas que vinham conversar com eles eram legais comigo, eram amigáveis. Pessoas como Elliott Shapiro, que foi uma das primeiras pessoas a fazer parte do Instituto de Nova York. Ele conversava comigo com bastante frequência. Paul Weisz, uma pessoa muito gentil, me pegava quando eu voltava da escola. Após meu primeiro ano na Downtown Community School, continuei e terminei minha oitava até a décima segunda série em New Lincoln, que é uma pequena escola particular em Manhattan. Paul e eu conversávamos sobre o tempo. Ao contrário de Isadore From, que acenava com a cabeça, subia para seu escritório, no apartamento, e me ignorava. A esposa de Paul Weisz, Lottie, também foi bastante agradável. Basicamente, fui ignorado e me senti à parte.

No primeiro verão nos Estados Unidos, fomos para Provincetown [Cape Cod], com a família, e foi divertido. Havia muita natação e muitos passeios. No verão seguinte, fui com minha mãe para Provincetown e, novamente, foi agradável.

Depois que fiz treze anos, Laura providenciou para que eu passasse os verões no acampamento. Fui a um acampamento encantador, perto de Atlanta, Geórgia, dirigido pelo diretor da New Lincoln School. Tive uma experiência maravilhosa de canoagem, subindo e descendo o rio Chattahoochee.

De 1948 a 1954, quando eu estava em New Lincoln, durante meus anos de colégio, eu sabia que meus pais não estavam satisfeitos com as ideias de Freud. Tenho certeza de que eles estavam insatisfeitos com ele há muito tempo, mas percebi isso naquele momento. Eu não tinha muita certeza de quais eram essas ideias, mas ouvi que eram muito críticas. Eles conversaram sobre escrever, ensinar e treinar pessoas para fazer terapia de maneira diferente. Eles não falaram ou me ensinaram sobre nada disso. Então, continuei a jogar futebol, era ativo na escola, via meus amigos e passava alguns fins de semana na casa deles. O futebol tornou-se uma paixão para mim. Uma das minhas pequenas reivindicações à fama, fiz o time de futebol All Star, da cidade de Nova York, para pessoas que participam de jogos de escolas particulares. Em 1953, não havia tanta gente jogando futebol, mas, mesmo assim, senti que era uma honra. Um dos meus maiores ressentimentos em relação à família era que eles não davam a mínima. Nenhum deles jamais me viu jogar futebol.

Eu visitava meus amigos ou, mais frequentemente, ia às casas ou apartamentos de meus amigos porque, em nosso apartamento ou casa, tínhamos que ficar quietos. Os grupos estavam em sessão ou a terapia estava acontecendo.

Foi na minha adolescência que ficou claro para mim que a ausência de Fritz em minha vida não era por causa da guerra ou do exército, mas por causa de seu foco em sua própria vida. Ele estava separado de mim porque estava mais envolvido e interessado em seus colegas e amigos, em outros lugares. Como eu disse antes, ele afirmou, desde o início, que estava interessado em outros assuntos e não queria outro filho, e assim foi.

Após o colegial, fui para o Antioch College, onde obtive meu diploma de bacharel. E Fritz começou suas viagens para treinar pessoas em gestalt-terapia. Às vezes, quando eu vinha para casa de férias, Fritz estava lá, às vezes ele não estava. Eu nunca sabia quando esperá-lo. Eu sabia que Laura estaria lá. Na época, percebi que ser um artista, um músico ou um terapeuta seria altamente bem avaliado por eles, e estava claro que não faria nenhuma dessas coisas. Tentei aprender a tocar violino quando tinha uns seis anos. Tenho um ouvido muito bom e odiei o som que fiz. Não consegui conectar os dois porque minha destreza mecânica fazia o que eu achava que meu ouvido dizia que deveria fazer; então, desisti do violino. Eu amo música, no entanto. Eu ouço muito música. Já cantei muito com corais. Eu costumava cantar no Interracial Choir, na cidade de Nova York, e no coro da minha faculdade, em Antioch, e cantava em Fiddler on the Roof, com Rae, na Civic Light Opera, em Albuquerque. Ter isso como foco da minha vida profissional não é o que eu queria para mim.

Ser terapeuta era a única coisa que eu acho que meus pais realmente valorizavam; então, eu sabia, em algum lugar, que talvez eu devesse ser terapeuta, que talvez pudesse ganhar algum respeito, mas isso não estava claro na época. O que eu realmente pensei que queria fazer era ir para a Tufts e me formar em Educação Física. Eles tinham um bom programa na Tufts e eu me inscrevi lá, mas, quanto mais pensava nisso, pensava: "não, isso parece muita rebelião. Vamos apenas para Antioch e ver o que acontece". E, no primeiro ano, mais ou menos, pensei em me formar em Sociologia, mas, com o passar do tempo, pensei: "não, também não é isso que eu

quero”. Antioch tem um programa de estudo e trabalho e meu primeiro emprego foi no Instituto de Tecnologia de Illinois, onde fui psicometrista, aos dezenove anos. Eles me ensinaram a usar Wechslers e Stanford-Binets. Eu funcionava nessa capacidade mais técnica como psicólogo e era bom. Aprendi a fazer isso muito rapidamente e pensei: "bem, não é tão ruim”. Esse foi um dos fatores que influenciaram na decisão de se formar em Psicologia. Mas ainda assim, naquele momento, eu não planejava ser terapeuta.

Naquela época, ninguém em Antioch sabia nada sobre gestalt-terapia. Somente em 1956, quando Fritz estava conduzindo um seminário de treinamento no Dayton State Hospital, ele me convidou para observar e participar. Isso foi uma grande primeira vez para mim. Não era a gestalt-terapia que meus pais falavam. Pela primeira vez, eu o vi em ação. Fritz fez alguns trabalhos excelentes, tanto com pacientes de demonstração quanto com alguns membros da equipe. Eu estava muito ansioso para participar, já que Fritz nunca havia me procurado para me convidar para fazer qualquer coisa com ele. Desta vez, ele me convidou para ir vê-lo. Ele não me ouviu cantar. Ele não me viu jogar futebol. Ele não compareceu à minha formatura do ensino médio. Então, tive a sensação de que ele realmente não me conhecia. Foi bom ser convidado para ir vê-lo. Essa experiência me deu uma pista do que ele estava realmente fazendo.

Então, comecei a fazer alguns cursos de Psicologia Clínica e ganhar algum entendimento teórico sobre como a gestalt-terapia se encaixava no desenvolvimento, ou na evolução do desenvolvimento, da psicoterapia pós-freudiana.

Então Rae apareceu em cena no Antioch College e ambos os pais, Fritz e Laura, prestaram mais atenção em mim. Eles o fizeram porque Rae frequentou a Universidade de Chicago como uma das primeiras a entrar, aos quinze anos de idade. Rae era inteligente o suficiente para o gosto deles, em comparação com minhas namoradas anteriores, que não os impressionavam de um jeito ou de outro. Além disso, ficou claro que ela faria um trabalho em grupo como assistente social. Rae parecia mais uma futura gestalt-terapeuta do que minha irmã ou eu. Assim, o interesse parental dos Perls aumentou.

Com o passar dos anos, a pós-graduação de Rae e seus convites a Fritz estimularam um interesse periódico de sua parte em vir nos ver, ver seus netos e ser o mentor de Rae. Este pode não ser um termo preciso, mas ele desempenhou o papel de uma espécie de guru aristotélico gestáltico em nossa sala de estar. Ele vinha visitar, conversar e explorar. Ao contrário de Laura, que nos visitou, lembrando seu passado, Fritz fez todos os esforços para fazer um treinamento intenso, de curto prazo, sob o disfarce de visitas paternas.

Com dois psicólogos iniciantes com o nome de Perls, Fritz entrou em um breve período em que tentou freneticamente nos influenciar profissionalmente, embora à distância. Ele nos convidava para observá-lo. Essas apresentações de comando não nos agradaram e recusamos vários convites para fazer parte de seu público. Quando Rae contava a ele sobre o treinamento avançado em que estava envolvida, ele ignorou e pressionou pela participação em seus grupos de treinamento. Nós dois continuamos a recusar esse tipo de contato com ele. Nossos últimos anos com ele foram uma experiência totalmente puxa-e-empurra. Ele dizia: "venha e veja minha performance”. E eu diria que não disse tão diretamente quanto aprendi a fazer agora "por que eu deveria vir ver você? Você não veio me ver”. Eu acho que essas eram muitas das dinâmicas acontecendo na época. Ele fez a coisa dele e eu fiz a minha. Acho que nós dois perdemos um pouco.

Na verdade, Fritz teve mais contato com Rae do que comigo. Ele não tinha o conceito de dinâmica familiar como a maioria de nós tem agora. Ele tinha um ponto cego quando se tratava de relações interfamiliares. Nunca emergi para ele como uma figura claramente separada de minha irmã e de minha mãe até os trinta anos. Havia muito que ele poderia ter compartilhado comigo se tivesse pensado que valeria a pena mais cedo em sua vida. Havia muito que eu poderia ter aprendido com ele se lhe perguntasse algo. Eu não perguntaria. Ele não iria oferecer. Nós não nos conectamos.

Não estou pintando para vocês o retrato de um herói para comemorar seu centésimo aniversário. Estou sugerindo que ele seja homenageado por seus extraordinários dons profissionais. Ele, mais do que qualquer um que eu já conheci, iria querer cortar qualquer besteira sobre o grande homem que ele era. Ele fez o que queria fazer e fez isso extremamente bem. Basicamente é isso.

[Aplausos].

Gostaria de estar disponível para qualquer tipo de perguntas, reações, comentários. Serei o mais direto possível com minhas respostas. Pensei: "que perguntas me fizeram ao longo de tantos anos? Como era ser filho de Fritz Perls"? Ou, "como é ser filho de uma pessoa famosa"? Já me perguntaram isso centenas de vezes, e dou a mesma resposta: enquanto crescia, não sabia o que era ser filho de uma pessoa famosa porque ele não era famoso quando eu era criança. Eu estava na casa dos trinta quando ele realmente desenvolveu sua forte reputação durante os anos de Esalen, em meados e final dos anos sessenta.

HOMEM: você disse que resistiu à tentativa de Fritz de treiná-lo; então, estou curioso para saber que treinamento você teve e que tipo de trabalho você faz.

Stephen Perls: eu obtive meu diploma de bacharel em Psicologia em Antioch, como mencionei, e, depois, fui para a Universidade de Chicago, onde trabalhei no Departamento de Psicologia Educacional e fiz mestrado em Psicologia Educacional. Trabalhei com Herb Thelen, que se tornou meu principal mentor. Alguns de vocês podem conhecer o Herb, outros não. Ele não era um psicoterapeuta, mas um dinamicista de grupo, um dos fundadores do NTL, o Laboratório Nacional de Treinamento. Ele estimulou meu interesse em trabalhar em grupo. Em seguida, fui para a Universidade de Oregon, em Eugene, Oregon, e obtive meu doutorado lá no Programa de Aconselhamento Psicológico, uma espécie de diploma genérico de aconselhamento.

Vou voltar um passo. Não consegui meu doutorado na Universidade de Chicago e o motivo foi uma pessoa, não Herb Thelen, que era uma pessoa encantadora e maravilhosa. A razão pela qual não consegui meu doutorado na Universidade de Chicago foi Bruno Bettelheim. Alguns de vocês ouviram e leram sobre Bruno nos últimos anos, e ele era meu maior inimigo. Tive problemas com a psicoterapia psicanalítica. Ouvir de meus pais como os aspectos inadequados, inapropriados e estúpidos da teoria psicanalítica provavelmente influenciaram minha incapacidade de realmente absorvê-la e regurgitá-la na época do doutorado. Como meu desempenho não foi satisfatório para Bruno, ele teve muita influência em não me encaminhar para o doutorado.

Então, me mudei para a Universidade de Oregon e obtive meu diploma lá, rapidamente. Como tínhamos dois filhos com problemas alérgicos asmáticos, decidimos nos mudar para o sudoeste. Mudamo-nos para Albuquerque e assumi o cargo de psicólogo da Clínica Lovelace. A Lovelace Clinic é uma espécie de mini-Mayo Clinic of the Southwest, e eu era um psicólogo de reabilitação e a pessoa que me contratou foi Larry Bloomberg, que é um gestalt-terapeuta. Alguns de vocês devem conhecer Larry Bloomberg. Ele era o psicólogo-chefe da Clínica Lovelace; então, havia uma conexão com a gestalt-terapia. Para aqueles que não sabem quem ele é, ele foi treinado e fez muita terapia com Laura e, depois, mudou-se para Albuquerque por alguns anos. Ele, então, trocou Albuquerque pela Europa e, agora, dirige seu próprio instituto na Itália. Ele foi meu supervisor durante meus primeiros dois anos de experiência de pós-doutorado e, portanto, tive um supervisor fortemente orientado para a gestalt-terapia. Aprendi a fazer terapia de casal e aprendi a fazer terapia de grupo, tudo dentro do contexto da gestalt-terapia. Quando Larry se mudou, decidi que estava farto da Clinic Lovelace e de me encontrar com médicos que viam a necessidade de se referir a psicólogos.

Uma vaga foi aberta no Albuquerque Women's Job Corps Center, um centro de 400 pessoas para mulheres entre 16 e 21 anos que vieram de contextos economicamente desfavorecidos. Fui diretor do Programa de Aconselhamento e do Programa de Residência, supervisionando seis conselheiros e trinta pais de família. Eu estava envolvido no desenvolvimento do programa, em algumas avaliações psicológicas e em alguns aconselhamentos. Fiz isso por três anos. Era intenso, principalmente nos fins de semana, quando o centro masculino do Jobs Corps, que ficava a cerca de 80 quilômetros da cidade, trazia três ônibus cheios de homens, os largava na porta da frente e dizia (era sexta-feira à noite): "nós vamos buscá-los no domingo à noite". Eu tive que lidar com os problemas residuais de muitos rapazes, vagando por aí, tentando seduzir algumas de nossas mulheres, as brigas e todo o resto.

Depois de alguns anos, decidi sair e consegui um cargo no Departamento de Psiquiatria da Universidade do Novo México, desenvolvendo um Programa de Serviços Humanos. Diretor do Programa de Serviços Humanos significa que desenvolvi um programa de graduação em artes, provavelmente um dos dois únicos programas desse tipo nos Estados Unidos em que um A.A. grau é oferecido através de um departamento de psiquiatria. Então, já formei muita gente para atuar como técnico de saúde mental, auxiliar de serviço social etc. Dou aula de dinâmica familiar, de técnica de entrevista, de dinâmica de grupo para essas pessoas.

Lenta, mas seguramente, tornei-me mais interessado em fazer terapia de grupo e não tão interessado em pesquisa em grupo quanto na Universidade de Chicago. Basicamente, desenvolvi o que sinto ser um forte interesse e nível de especialização como terapeuta de grupo. Sou membro da American Group Psychotherapy Association. Estou envolvido com eles há mais de vinte anos. Eu me identifico com essa organização mais do que com outra organização. Não me considero um gestalt-terapeuta. Não passei por nenhum treinamento formal do instituto. Fiz muitos workshops breves com Erving e Miriam Polster, com Jim Simkin, Irma Lee Sheperd e com algumas outras pessoas que não estão tão fortemente identificadas com o movimento gestalt per se, mas ainda são orientadas nessa direção, pessoas como Bob Goulding e John O'Hearn. Acredito que tive um treinamento respeitável, mas não me considero um gestalt-terapeuta definitivo. Se eu me desse um nome, e odeio rótulos porque acho que sou mais um terapeuta eclético, acho que seria mais um terapeuta experiencial orientado a sistemas.

HOMEM: fiquei muito emocionado com sua palestra, Steven. Era uma história semelhante a muitas histórias de homens e, certamente, semelhante ao meu relacionamento com meu pai. Eu trabalho com homens e sei que, em meu próprio trabalho com meu pai, essa é uma espécie de crença que acumulei ao longo do tempo: eu não poderia realmente entender meu pai sem voltar para entender o pai dele. Não sei nada sobre o pai de seu pai. Eu me pergunto se isso entra em jogo. Teve contato com seus avós?

Stephen Perls: minha avó veio da Alemanha para nos visitar na África do Sul, em 1938, quando eu tinha três anos. Meus pais queriam que ela ficasse lá. Ela insistiu que estava voltando para seu país, onde ela morava. Ela voltou e acabou em um campo de concentração. Nenhum dos avós sobreviveu e nunca os conheci. Não me lembro de meus pais falando muito sobre eles.

Meu avô paterno era o básico. O que ele era? Taxista? De qualquer forma, ele certamente não estava no campo, não era um profissional. Do lado de minha mãe, eles eram joalheiros muito bem-sucedidos.

HOMEM: tenho duas respostas em particular à sua palestra. Uma é que eu acho que toda teoria tem um forte componente autobiográfico, não importa o quão científica ela seja. Ouvir você falar sobre seu relacionamento com Fritz me faz entender, penso um pouco mais profundamente, porque, em sua formação inicial, a gestalt-terapia simplesmente não conseguia abordar a questão da intimidade com qualquer alma, e porque celebrava tanto o indivíduo forte, mas não a comunidade e não a conexão. E também, penso eu, mostra por que é tão importante que uma teoria esteja sujeita ao desenvolvimento e à revisão por muitas pessoas e não seja apenas o resultado de uma pessoa.

Stephen Perls: concordo com você. Você o disse bem. É por isso que ele não fez nenhum trabalho de casais. Acho que ele não sabia como se relacionar com alguém de forma igualitária.

MULHER: seguindo o último comentário, gostaria de saber se você estaria disposto a comentar sobre como você vê a teoria e prática da gestalt-terapia limitada por algumas das limitações pessoais de seu pai.

Stephen Perls: acho que a declaração que acabou de fazer aborda esse assunto. Fritz certamente estava, assim como Laura, empenhado em fazer contato, mas parecia ser um certo tipo de contato. Como eu me vejo como uma pessoa mais orientada para sistemas experienciais, eu realmente tento prestar atenção à ampla gama de possibilidades para questões familiares, questões intrapessoais/pessoais da comunidade etc. Estou bastante preocupado com a comunidade. Eu tenho trabalhado, como parte da Universidade do Novo México, no Centro Comunitário de Saúde Mental, nos últimos quinze ou vinte anos, fazendo terapia em unidades

de internação, bem como trabalho ambulatorial. E acho que a teoria inicial da gestalt-terapia tem uma forte limitação dessa perspectiva.

Vejo que estamos sem tempo. Muito obrigado a todos

[Aplausos]

Obituário de 10/03/2023, e palestra de Stephen Perls, a convite do The Gestalt Journal, na 15ª Conferência Anual sobre a Teoria e a Prática da Gestalt-Terapia, ocorrida na manhã de 23/04/1993, no Hotel du Parc, em Montreal, traduzidos por Georges D. J. Bloc Boris, coordenador do aware - Centro de Gestalt-Terapia, a partir de <https://www.gestalt.org/news/Stephen.html>